

O CONHECIMENTO E SUAS TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS: o neopositivismo, o estruturalismo e a fenomenologia

Luiz Carlos dos Santos

Este é um texto de opinião que dá continuidade às tendências metodológicas relacionadas à gênese do conhecimento. No anterior, foram abordados aspectos pontuais do positivismo e materialismo histórico-dialético. As tensões e conflitos relacionados ao desenvolvimento e expansão do modo de produção capitalista, verificados já no fim do século XIX, ampliaram-se e ganharam novos contornos no século XX. Durante as primeiras décadas deste século, ocorreram a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, experiências políticas totalitárias a elas relacionadas - fascismo e nazismo, além da Revolução Socialista na Rússia, em 1917. A quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, gerou o colapso de boa parte do capital mundial e manifestaram as contradições internas inerentes ao próprio desenvolvimento capitalista.

Ressalte-se que esses fatos, dentre outros, podem ser considerados como índices da falência ética e política das sociedades ocidentais. Em meio aos fatos de que trata o parágrafo anterior, surgem propostas para a produção do conhecimento científico, ainda atreladas ao ideal de objetividade, traçado pelo projeto de ciência moderna. De acordo com Carvalho et al (2000), tentando-se salvar a civilização ocidental do caos pelo resgate da razão, surge o projeto iluminista que vai reaparecer em tendências metodológicas, a exemplo do empirismo lógico e a fenomenologia, no século XX. Acrescente-se que outras escolas ao mesmo tempo emergem, tais como a Escola de Frankfurt e o pragmatismo, nas quais discutiram, entre outros aspectos, a neutralidade da ciência - isto é, se é possível a independência do sujeito com relação ao objeto do conhecimento.

Com o neopositivismo, também chamado de empirismo lógico, tendo como principais representantes - R. Carnap; Neurath; H. Hanh; M. Schlick, dentre outros, cria-se o conhecido círculo de Viena, com um objetivo comum - a luta contra o pensamento metafísico, não só na ciência como em todas as esferas do comportamento humano. Segundo a literatura estudada, em síntese, o neopositivismo implica uma produção de conhecimento atrelada a uma transformação racional da ordem social. Assim, o conhecimento produzido pela ciência deve servir como ferramenta para transformar a realidade. Infere-se, pois, que o espírito do Iluminismo permaneceria como um dos traços do neopositivismo. Enquanto princípios norteadores desta tendência, pode-se asseverar: concepção empirista e positivista - só existe

conhecimento legítimo baseado numa perspectiva empírica; aplicação do método da análise lógica ao material empírico, ou seja, a busca do ideal da ciência unificada. Isto significa dizer que para o neopositivismo, o conhecimento produzido pela razão pura, independente da experiência empírica, não é legítimo.

Eis que surge no início do século XX outra tendência metodológica, o modelo fenomenológico, tendo como expoente Edmund Husserl (1859-1938). Entende-se, a partir de Ferreira (1998), que este modelo pressupõe a compreensão de consciência enquanto intencionalidade. Em outras palavras, a consciência não como substância, mas como uma atividade construída a partir dos atos - percepção, especulação, vontade, paixão, dentre outros parâmetros, através dos quais se pretende atingir um determinado fim. Em síntese, a consciência não visa aos objetos de uma mesma maneira, nem os objetos se apresentam para a consciência de um mesmo modo. A Fenomenologia fundamenta-se na concepção de que a realidade está estruturada pela percepção. Este modelo de ciência social cujo objeto é o estudo das regras que segue a consciência para fazer com que as coisas pareçam reais. Para o seu expoente (Husserl), a realidade é uma corrente desconexa de acontecimentos atomizados. Enfim, a análise fenomenológica pretende mostrar que a consciência, através de desempenhos ocultos, transforma esta realidade em algo muito diferente, numa imagem objetiva, autêntica e integrada. Portanto, a fenomenologia, ao contrário do positivismo do início do século XX - sobretudo como modelo metodológico par as ciências humanas, e mesmo do cartesianismo, opõe-se a separação entre o sujeito produtor de conhecimento e o objeto.

Registre-se que, por volta da segunda metade do século passado, surge outra tendência metodológica, relacionada, sobretudo às ciências humanas/sociais - o estruturalismo, cujas bases foram inicialmente formuladas no campo da lingüística por F. de Saussure. Contudo, C. Lévi-Strauss formula uma perspectiva estruturalista para a análise de fenômenos culturais, construindo, assim uma tendência de estudo da antropologia. Saliente-se, entretanto, que outros autores tomaram como referência a perspectiva estruturalista para o estudo em diferentes campos das ciências humanas. Assim, por exemplo, J. Lacan fez uma leitura estruturalista da psicanálise; J. Piaget elaborou a epistemologia genética a partir do mesmo referencial; L. Althusser entendeu o marxismo sob essa dimensão.

Mas o que vem a ser estruturalismo? Ora, para tanto, entende-se como estrutura um conjunto de elementos que mantêm relações necessárias entre si. Tais relações são também de caráter funcional, ou seja, cada elemento que compõe o sistema concorre para a manutenção dos que lhe estão relacionados. De um modo geral, o estruturalismo pretende alcançar leis universais que expliquem o modo de funcionamento dos fenômenos humanos. Portanto, o

ideal de cientificidade para as ciências humanas está no enunciado de leis gerais sobre o modo de funcionamento das sociedades humanas. Deste modo, a questão da liberdade, da criatividade e da historicidade humanas, nessa dimensão, só pode ser analisada no contexto das determinações estruturais de cada grupo social. Donde se conclui que se privilegia a sincronia (dimensão social) em detrimento da diacronia (dimensão histórica).



LUIZ CARLOS DOS SANTOS
www.lcsantos.pro.br